



# O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XV — N.º 375 — Preço 1\$00  
26 DE JULHO DE 1958

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR  
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS  
Vales do Correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

## DUPLO ANIVERSÁRIO

Na data em que escrevo passam dois anos sobre a morte de Pai Américo. A Igreja costuma dizer dos bemaventurados: «nasceu para o Céu». E nós, sem querermos antecipar juízos que nos não competem, sentimos na verdade desta sorte.

É certo que a sua partida poisou sobre nós o cerne de provações dolorosas. Que a nossa sensibilidade não se furtou ao choque de uma tristeza funda. Que a saudade é hoje, ainda, e cada vez mais viva. Que a Cruz pesa, toda, sobre os ombros frágeis dos «padres da rua», que não contavam, por muito tempo ainda, com outro esforço senão de **cireneu**. Mas a impressão que prevalece é esta mesma: «nasceu para o Céu»...! E nós, sentindo embora não o ter presente, «estamos todos cheios da sua presença», agora mais poderosa do que nunca.

Estas palavras aqui postas entre comas são de um da comunidade de Paço de Sousa, e dirigidas a Pai Américo na data das suas Bodas de Prata sacerdotais. Pai Américo fugira para o Gerez, mas «nada valeu fugir, estamos todos cheios da sua presença».

E outro da comunidade escrevia na mesma data: «Estamos portanto em festa e festejar havemos também as Bodas de Ouro e mesmo as de Diamante. Não importa que o lugar da festa mude, pois no Céu a alegria ainda é maior».

Pai Américo comentou: «Se a minha ausência assim causa presença, que fará a morte?! Ainda hoje existe o ignorante que afirma acabar o Obra com a morte do seu fundador. E eu digo que não. Qual profeta da Nova Lei, eu afirmo que ela começa no dia em que eu morrer».

Palavras proféticas, na verdade! — que Deus tão depressa quis confirmar. Por isso é que nós aqui associamos em alegria serena, feita da certeza que dá a Fé, os dois aniversários: nascimento para o sacerdócio... nascimento para o Céu...

29 de Julho de 1929... Começava a longa gestação da Obra da Rua num coração consagrado e fecundado pelo sacerdócio do Mestre. Até ali fora um homem bom..., mas estéril! Dez anos trabalhou a Graça em suas mãos unidas até ao dar à luz.

### Facetas de uma Vida

### As experiências de dois famosos viandantes

Continuação do número anterior

O Convento do Santo Ermo do Bussaco!

Nada mais belo; nada mais completo; nada mais rico do que a altíssima Pobreza do Evangelho. Felizes os que a compreendem; grandes os que a vivem; benditos os que a seguem!

O Rev.º Padre Lourenço deu-nos de ceiar e o Raul reclamou a nossa presença em sua casa para o chá e para dormir. Foi ele próprio quem preparou as coisas e declarou que aquele era o dia mais feliz da sua vida!

O António Melo (5) também veio ao bota-fora, no dia seguinte, na estação do Luso, e, pelas cinco horas da tarde, dávamos fundo no Fundão!

Um primo do meu colega, que por acaso estava na gare, levou-nos para a hospedaria da tia Mota e no dia seguinte numa espécie de camionete, desembarcamos nas margens do Zézere, na ponte que serve as Minas da Panasqueira. Muito amável e generoso o primo do Cruz Gomes! Um que

nos mostrava a vila disse-nos descaradamente que ela era a primeira de Portugal! Muito comércio; alguns edifícios importantes; magnífica fruta.

Fizemos a Hora Santa na igreja pública, concorridíssima, com linda música e muito recolhimento.

A tal espécie de camionete não gastou duas horas do Fundão para a ponte da Panasqueira, por enquanto trabalhando num cabo de vai-vem. A carga do veículo era composta de sacos de sal, uma velha muito feia e os dois peregrinos. Tudo ficou aquém do rio, enquanto que nós atravessamos, suspensos do cabo, mirando as águas barrentas do rio lá no fundo.

O meu companheiro não disse nada, mas eu vi tudo!

Eram duas horas da tarde quando nos metemos a caminho para a casa do César, (6) tarefa de três horas no dizer dos entendidos. Uma mulher que dali seguia para o Bodilhão, (7) prestou-se a pedir no lugar um guia seguro. Entramos na igreja da povoação:

Continua na página QUATRO

16 de Julho de 1956...

A Obra, já nascida, recebeu a unção confirmatória. A morte dele deu-lhe uma vida nova, deu-lhe uma vida tal, que

ele mesmo, «qual profeta da Nova Lei», a identificou com o **começo**. 16 e 29 de Julho... Este ano e sempre, a Família da Obra da Rua estará aradecendo, louvando, suplicando, merecendo... festejando com ele, em roda do Altar de Deus que é, para nós, o lugar mais próximo do Céu, onde «a alegria ainda é maior».

Daqui, das Colónias de Férias da Senhora da Piedade, onde escrevo e onde os nossos 4 pedreiros andam há dias a dar um arranjo às paredes e telhados e os seis carpinteiros atarefados a retocar madeiramentos e portas e janelas, eu vejo à distância de dois dias o primeiro grupo de quarenta pequenos inquietos à espera na Estação Nova.

Irmãoszitos mais velhos com os mais novos pela mão, algumas mães dos que as têm, com a saqueta do filho no braço a dar os últimos conselhos, um ou outro pai, moço de fretes, que vem também despedir-se; uma hora cheia naquela meia hora antes.

Quem passa em frente e não sabe, pára e pergunta. Todos os anos é assim e o quadro é sempre novo e belo. À partida da auto-motora a algazarra aumen-



Pai Américo: «estamos todos cheios da sua presença».

## Tribuna de Coimbra

ta, acenam lenços, levantam bandeiras, gritam vivas e começam as cantigas. Já estou a ver e a alegrar-me por tudo.

As avezinhas do céu, em liberdade também assim são.

Este ano compramos mais 30 camas na Adico e demos mais um pouco de conforto à casa e tivemos de fazer roupas novas.

Não sabemos donde veio esta força, mas andamos. Está em jogo a criança. Ninguém como ela merece toda a nossa atenção.

Entramos muitas vezes pelo ano fora nos lugares onde têm de viver e onde vão morrendo

lentamente. Cheiramos a sopa já azeda que vão buscar aonde lha dão. Tocamos o pão duro e borrolento com que matam a fome. Mandamos aviar receitas médicas por vezes já atzadas. Encontramos os mais pequeninos nus até à cinta a brincar na lama da estrada ou dentro da barraca. Levantamos os farrapos com que à noite se embrulham.

E, porque sabemos e somos testemunhas deste seu martírio de todo o ano, atrevemo-nos e somos levados pela mão bondosa de Deus a fazer alguma coisa por estes nossos irmãos.

São quinze a vinte dias cheios de ar e de vida.

Vida de corpo e de espírito. Não lhes damos nada que não esteja ao seu alcance. Não há vigilantes, nem administração, nem gente categorizada. É vida de fa-

Continua na página QUATRO

# CALVÁRIO

Passou um ano que o Calvário abriu. Nós fomos aqui dizendo pelo tempo em fora, os acontecimentos mais notáveis da vida em via reduzida da pequenina comunidade.

Na verdade, aquela abertura de há um ano foi mais um símbolo, um passo de vida a marcar o primeiro aniversário da morte do Pai Américo, do que um inauguração efectiva de grande e necessária actividade. Faltava ainda a «cabeça», o padre do Calvário, que esperamos das mãos de Deus este ano. Então sim, as obras materiais que nunca interromperam, irão servir o seu destino.

Não podemos, pois, afirmar que a nossa experiência no difícil apostolado que vai ser, progrediu grandemente. Mas esperamos, temos a certeza que Deus vai à frente, abrindo caminho e iluminando na medida do nosso intencional apagamento.

Como a respeito dos meios materiais, também das respostas às interrogações que a acção irá levantando, nos não tememos.

A Cruzada é de Deus. A glória procurada é dEle e para Ele. Na hora própria Ele responderá por nossas bocas pecadoras, solucionando os problemas mais difíceis, que o mundo de menos fé corre o risco de supor nossas, mas que são dEle—e só! Por isso, temer... não tememos! Mas sabemos avaliar o peso da cruz do padre e das senhoras que Deus marcar para o Calvário e Casa do Gaiato de Beire. Que todos os amigos do Calvário, sobretudo aqueles que desde a primeira hora se têm manifestado habitualmente em seu favor, não esqueçam, por sobre as suas esmolas, o contributo mais precioso ainda das suas preces e sacrificios pela futura comunidade do Calvário e pelos seus obreiros.

x x x

Em Braga, mãos de velha amiga apertam as nossas e deixam um sobrescrito com 500\$. Mais 100\$ de P. G., «em acção de graças pelas melhoras de meu bom marido». Mais acções de graças, não sei de quem. Restos de assinaturas e muitos recados deixados no Espelho da Moda.

Um casal de anónimos (eles mesmos assim se subscrevem) mandam mil «para que Deus nos continue a proteger e aos nossos filhinhos». O que seria o mundo se todas as famílias tivessem por alicerce a Caridade!...

Penamacor, assinante 17681, manda 100\$ e o mesmo da «Humilde Portuense», mais de M. E., e de não sei quem, que mandou também 50\$ pró Património, e do conhecido António, o qual nunca esquece a «viúva da Nota da Quinzena» e uma mãe que urge «ajudar a alimentar seu filho».

À «Humilde portuense» junta-se agora «um portuense qualquer» que se propõe enviar todos os meses 20\$. E se as lisboetas e conimbricenses, etc., etc., quisessem entrar nesta corrida de amor e humildade?!

Cincoenta de «Maria», com outro tanto para o Barredo. O mesmo da «Amiguinha do Geze» (hei-de perguntar ao Daniel quem ela é!) e do Adérito e le «uma enfermeira», e «peço desculpa da insignificância, mas como é produto do meu primeiro ordenado, que também é pequeno, não posso ir mais além».

Menos dez da «Anónima do Porto» e metade de «Ninguém».

A Maria Filomena manda 20\$ e um lençol. Ai lençóis e cobertores! O que eu outro dia estrebuche, diante da lista que a senhora me apresentou como estritamente necessário para as 50 camas que brevemente em Beire vão ter seu ocupante! Quem tem aí deles e os manda para Casa do Gaiato de Beire—Paredes?

No 23.º ano de casamento elas aí estão comemorando e agora é a Celeste, de Lourenço Marques, a da «migalhinha», que apareceu muitas vezes com 500\$00 e hoje pela última vez «pois em breve, se Deus assim o permitir, entra-

rei para a vida religiosa. Não faltarei, porém, com as minhas pobres mas sinceras orações, pedindo a Deus que proteja esta obra tão bela, todos os gaiatos, todos os padres da rua».

Ó riqueza! Se ela até aqui nos dava «migalhinhas» do que tinha, que fatiões não vão ser, agora que ela se dá a si mesma!

Que Deus a proteja também a si, Celeste das Migalhinhas, e seja Ele «a alegria perene da sua juventude».

Avelar com 100\$, «em continuação da promessa que minha falecida esposa tinha feito para o Calvário e que eu tenho desejo de manter em sua memória».

A beleza do amor conjugal, que nem a morte quebra!

E o dobro de Santarém acompanhado de louvores a Deus pelo bem que «O Gaiato» tem feito, «que a tantas pessoas tem descoberto o espírito de caridade que, sem a leitura dele, dormia nos seus corações tão bons!»

## Casas para trabalhadores

Há uns tempos para cá nota-se um profundo descontentamento entre a nossa juventude que estuda ou que trabalha. Circunstâncias recentes apenas manifestaram um estado de espírito realmente existente. O descontentamento humano sobretudo na época da mocidade é arma constante e pode ter consequências benéficas ou desastrosas conforme for encaminhado. Uma grave tentação é pôr as responsabilidades dos males assim como os respectivos remédios nos outros. Um estudante reprovou. Quem teve a culpa ou foi o professor que o ensinou, ou então quem elaborou os pontos. Mas há-de vir um outro programa, há-de vir um outro professor, serão feitos outros pontos e então passará. Aquele estudante não dá conta que, pondo-se de fora, está a diminuir-se, não está a crer

Só uma força é invencível. A Caridade. Foi assim que o pequeno David arrancou aos lábios do orgulhoso Saul a palavra de capitulação: «Tu és melhor do que eu». Não há outro caminho. A Caridade é o único vínculo capaz de prender os homens e levá-los à unidade. «Vede como eles se amam» diziam da primitiva comunidade cristã. E os de fora vinham em busca do princípio daquela união e encontravam-se com Deus, abrasados pelo mesmo fogo, dominados pela mesma ânsia. O Amor fraterno gera a união dos corações e das almas. Foi assim no início, há-de sê-lo no presente.

Tinha saudades do Barredo. Há tanto tempo que lá não ia!

Quando nos ausentamos do que nos prende, os dias parecem meses, as horas parecem anos. Fernando Dias foi mais eu. Conheceu o Barredo primeiro. Apaixonou-se. «Gosto tanto destas visitas». Quem um dia se entregou de alma e coração a uma causa tão grande como a causa dos pobres não pára. Que o digam os fervorosos vicentinos e vicentinas que conservam bem guardados, dentro do peito inflamado, os primeiros momentos do encontro com o pobre. Que o digam esses corações estuantes de juventude e entusiasmo que preferem trocar os salões mundanos onde a atmosfera sufoca e mata as mais nobres aspirações, pelo antro do pobre.

Entramos pela Reboleira. Olhares curiosos interrogam-se. Lá ao longe, sentada na soleira da porta, está aquela velhinha sem casa nem beira. Come do que lhe dão e vai dormir junto das «Criaditas». Quer alugar um quarto (!) e não há quem o alugue. Não pensa no pagamento do aluguer. Confia. E assim vai passando os seus últimos dias, de agulha na mão e um farapo velho no regaço. Chora de alegria por nos ver e deixámo-la ficar.

Bem sabemos que não remediámos estes males. Não o podemos fazer nem está em nossas mãos fazê-lo. Aliviamos o peso daquela Cruz. A alegria que lhes



deixamos é um lenitivo para a sua dor. O Fernando convidava-me a segui-lo. Subimos a um 1.º andar. Julgam-nos a tábua da salvação quando se vêm batidos pelas vagas alterosas que tentam submergi-los sem dó nem piedade. «Estamos em vias de ser postos na rua, se não pagarmos a renda até segunda-feira. Ainda há pouco fomos ameaçados pelo senhorio». Era uma mãe aflita a falar por três filhos, pelo homem que não trabalha porque está doente e por si. E começa a narração de uma vida marcada pelo sinal do sofrimento e tantas vezes da incompreensão dos homens. Para casos destes levamos uma palavra de Esperança confiante e reservamos para nós a incerteza e a aflição daquela mãe.

Quem não paga a renda e pode pagar é justo que sofra o castigo da culpa. Quem não paga porque não pode nem tem por onde pagar? A rua será solução? Infelizmente as ruas estão superlotadas de inquilinos, mas há

sempre lugar para mais um. A solidariedade é uma virtude no Barredo. Ai dele se assim não fora!

«Viu aquela entrevadinha sentada junto da porta? Dorme em minha casa, por favor. São poucos os ganhos. Meu marido trabalha 3 dias por semana... quando trabalha. Não sei como há-de ser. Ela não tem para onde ir... Vamos vivendo com a graça do Senhor». Eis a explicação destes heroísmos. «Vamos vivendo com a graça do Senhor». Se não fora assim, há muito tempo que a velhinha dormiria na rua.

Sáímos consolados. Daqui nos vem a força para subir muitas escadas. Aquele 3.º andar tem a sua história. Que linda que ela é. Já a conheceis.

Queria fazer-vos um pedido. Não eu. São os pequenos do Barredo. Sempre que me vêm por lá pedem-me rebuçados e outras coisas semelhantes. Não tenho para lhes levar. Quereis que leve alguns dos vossos?

Padre Manuel António

## Chales de Ordins

De Leopoldville (Congo Belga), escreve uma doente: «Que Deus lhe dê saúde são os meus votos! Esta tem por fim de lhe pedir se pode enviar para o Lar do Porto—Conferência—1 chaile para a pobre tuberculosa, que tem muito frio, segundo li no «Gaiato» de 3 de Maio e queria um chaile. Como sou doente, sei bem dar o valor à falta de saúde, e sem meios, tanto pior. Que Deus lhe alivie o sofrimento, se for da sua Divina Vontade».

O sofrimento é um mistério indecifrável e sem sentido, fora da visão cristã da vida, pelo que alguns, nos quais se apagou a luz da fé, têm fugido, cobarde e criminosamente, da vida, pela porta equívoca do suicídio.

O sofrimento é, desde o início da humanidade, filho do mal moral. Porque o homem abusou do dom da liberdade—tal abuso chama-se pecado—entrou no mundo a dor. E herdamos tal estado de coisas, como herdamos a pobreza ou a riqueza de nossos pais. Não depõe a dor contra a existência e bondade de Deus, pois ela é fruto do homem. Nem o cristão se revolta, pois sabe que Jesus Cristo, não obstante ser Deus—portanto a própria Santidade—sofreu e morreu por ele. É bálsamo ainda para os que sofrem a figura virginal e inocentíssima da Mãe de Deus, junto da Cruz, vendo seu Filho a sofrer, sem Lhe poder valer. Se Jesus e Maria, embora inocentes, tanto sofreram, como quereremos nós escapar à dor? Como poderemos revoltar-nos? Temos de a aceitar com resignação, conformando-nos com a Vontade dAquele que tudo permite para bem dos seus. Fomos remidos do pecado, por meio da Cruz. O mistério do Calvário prolonga-se ainda, até à consumação dos séculos, na carne de todos os que sofrem, completando, assim, o que falta à Paixão de Cristo. Vai-se, deste modo, desagravando Deus ofendido pelos pecados, nossos ou alheios, e pela «estrada real da Cruz» seguramente caminhando na santidade e atraindo à mesma

posos, que não têm condições mínimas de existência, entre elas a sua casa, não poderão de maneira alguma ser semelhantes aos assistentes dum desafio, numa tensão total sobre a pendência da vitória. Ao fim, muito embora pareça o contrário, nenhum das bancadas, nenhum assistente foi vencedor ou vencido. Nenhum. Os vencedores e os vencidos encontraram-se no rectângulo. Temos que dizer aos nossos rapazes que têm conta das suas responsabilidades, do seu valor, do seu poder, da sua força realizadora quando realmente quiserem actuar. Têm de descer das bancadas de assistente, entrarem no campo e lutarem pela sua casa como os antigos cavaleiros lutavam pela sua dama. À vista de tal finalidade quem recusará esforçar-se?

Padre Fonseca

==== pelos trabalhadores

Continua na pág. — QUATRO

# PELAS CASAS DO GAIATO

## PAÇO DE SOUSA

— Mais uma série delas. Fresquinhas como a sardinha da lata. Mas apesar disso, Paço de Sousa parece que não tem comido nada. Mandem, mandem que a gente não se aflije. Esta carta está sempre na mão de cima. Isto é uma alegria. Paço de Sousa, Paço de Sousa, Paço de Sousa!

— Verão. Para agora tem rendido pouco, mas não demorará a visita do calor. Precisamos de fatos de banho com toda a mecha. Muitos, muitos, um ror deles! Caso contrário, lá se vai a querida praia. É por isso que venho falar meigamente aos ouvidos dos amáveis leitores. Não se aflijam que nós cá estamos.

— O Grupo Desportivo tem tido um bom movimento. Por isso com treinos e jogos que nestes últimos domingos têm sido aos pares, lá se vão as bolas e os equipamentos! E depois? V. Ex.as aí estão para se meterem ao barulho. Os senhores que também são uns alegres, não nos deixam ficar mal.

Vamos lá a ver. O Grupo Desportivo também é gente!...

Lembrem-se que sempre são duas equipas de infantis, reservas, primeiras... E então de bolas é que é um sarilho. Oxalá que a gente endireite esta vida senão nunca mais damos nada. E vivam os senhores todos.

— Este ano tivemos poucas ameixas e alguns tártaros já andam em cima delas, por isso vai ser o diabo! O Chefe, Sepadre Carlos, Sepadre Manuel, já se puseram em campo. Pelo que apurei, são fracos detetives e os espertalhões levam-nos ao cebo. Lá se vai a minha frutinha!

— Assinantes. Muitos assinantes. Mais assinantes. Assinantes para a frente. E a campanha tem de continuar: «O Gaiato» tem de progredir. Anda para a tudo a progredir e porque não há-de acontecer o mesmo com vós? Pois vamos. Tem de ser assim! Não lhes parece, amigos leitores?

— Tem estado entre nós o Sr. Dr. José Maria Ferreira Coelho, nosso grande amigo. Um dos velhos amigos de Pai Américo e da nossa Obra, que se encontra em férias. Muito obrigado por tudo e que as férias lhe dêem as energias que tanta falta lhe fazem para o muito trabalho que obriga a gastar durante o ano.

— Nós estamos aferroados. Estamos todos bravos. É um caso sério... Então os senhores não nos mandam o aparelho de televisão que a gente se fartou de pedir, ainda estão a tempo. Se calhar estão à espera uns dos outros e nós continuamos a ver navios! Os senhores são nossos amigos. Pois claro que sim. Vão-se aferroar também e nós vamos ter televisão. Vai ser uma alegria. Nós todos animados...

— A nossa aldeia anda em obras. São os trolhas, os pedreiros, os almeidas, todo o mundo para que a aldeia seja cada vez mais linda e tenha mais beleza. Venham todos que pagam o mesmo! É aproveitar enquanto é tempo!

— Vamos terminar. Já estamos amarelo como dizem alguns, mas eu a falar muito. Vamos a ver como a gente se porta. Temos cara de melro, não acredito. Última notícia: Ovi dizer que os senhores andam em forma. Que estão bem dispostos. Que não se atrapalham muito. É bom que não esqueçam os nossos pedidos, para continuarem a viver com gosto. Cumprimenta-vos com todo o gosto o

Daniel

## LAR DO PORTO

CONFERENCIA — Começo por dar notícias do socorrido de uma nossa subscritora da campanha «Tenha o Seu Pobre», a quem pedimos desculpa por não lhas termos dado há mais tempo.

O dito protegido é uma família que já viveu menos mal, enquanto o pai teve saúde e trabalho.

O lar destes nossos irmãos pobres fica na rua Fonte Taurina n.º 29, mesmo em plena Ribeira. Esta dita família é constituída por: chefe de família, o qual é doente dos pulmões, coração e de alguns outros órgãos. Enfim, está completamente inutilizado de ganhar o pão de cada dia.

A mãe, também não pára de boa saúde, mas lá vai angariando trabalho aos dias, para ganhar uns patacos, com os quais alimenta o marido, duas filhas, uma de 8 anos e outra de 10, não contando uma mais velha que está num asilo da Rua da Alegria e ainda o comilão do aluguer que não é nada barato.

A rapariga de 10 anos fez a Comunhão Solene e a mãe, é claro, não nos largou, enquanto não a ajudamos com alguma coisa para fazer a festa da sua querida filha.

Esta família socorrida é pobre, mas muito limpa e educada, segundo os seus meios. No entanto, quanto à educação, não foi sempre assim e nós temos que compreender, pois, não tinham uma palavra amiga, não tinham com quem desabafar nas suas aflições e principalmente faltava mais vezes o pão para dar aos filhos, quando estes inutilmente pediam aos pais. Quem acredita na Religião sem ter um bocado de pão?

É lógico que o pobre tenha fome de justiça e que se revolte contra tudo e contra todos. Nós somos os primeiros culpados.

Não esqueçam caros amigos, os pobres desta cidade. Não é só com palavras mas sim com obras, que se chega ao reino de Deus.

Tome conta duma família, por intermédio da campanha «Tenha o Seu Pobre».

Não queremos que dêem muito, mas sim um pouquinho com um pouquinho do vosso amor, porque de resto, Cristo está constantemente a fazer a multiplicação dos pães.

A propósito: há dias, um certo pobre da nossa Conferência pescou dois peixes e como um lhe chegava, deu-nos o outro.

Ó sociedade cruel! Olha para este irmão pobre, por ti abandonado, que sem uma única palavra nos en-

sina o verdadeiro caminho da vida. Queremos melhor exemplo?

Oh! se Pai Américo fosse ainda transeunte da terra, tinha mais uma alegria, sim, porque ele deu sempre muito valor a estes actos, mas como sabemos, o fruto vem sempre depois da flor!

Quantos ricos há que não só têm dois talentos, mas sim três, quatro e mais que cinco, não se lembrando de que o que vai acima de um já não lhe pertence. Que infelizes! Quando chegar ao fim da meta e quiserem dar contas ao Supremo Juiz e não podem já levantar com o peso das suas injustiças!

Só Deus sabe. Nós apenas podemos imaginar, sim, porque Ele não dorme.

Cristo não abandona os seus filhos. Senão vejamos. Para a pobre doente dos pulmões recebemos vários chales de diferentes partes. Uma anónima de Lisboa enviou-nos 100\$ para o respectivo chaille, do Porto, destaca-se uma anónima com um e 5\$, juntamente com um cobertor para berço, pedindo uma oração. Por alma de sua tão querida mãe, dois chales e 20\$ de S. Brás do Alportel, uma assinante com outra peça de agasalho. De uma hortaliçeira de Gondomar recebemos um chaille, 20\$ e 50\$ para uma telha das casas do Património dos Pobres, de uma anónima admiradora desta obra mais um chaille e recebemos ainda de Lisboa da Sra. M. Pinto outro. Além destes donativos chegaram até nós 200\$ referentes a 500 francos-belgas da Sra. S.T.A.N. para a campanha «Tenha o Seu Pobre». Para esta campanha recebemos ainda 150\$ do Sr. Cruz, 100\$ de F. V., de uma anónima 20\$+a anónima 7 de Maio com 20\$+20\$ de outra desconhecida.

Por ser aumentado no ordenado 20\$, mais 20\$ do assinante 6655. Vários anónimos, o primeiro com 50\$, por uma memória 5\$+100\$, mais 20\$ e por fim 100\$. Assinante 21550 50\$, Sra. Julieta do Carmo 60\$, para a pobre do costume 100\$, do Sr. A. C. Martins 100\$, mais 100\$ para a pobre do Casal. Do anónimo A. V. F. M. 100\$ e ainda 80\$ para um chaille da doente dos pulmões, por fim 412\$ dos nossos subscritores.

A todos estes benfeitores muito e muito agradecidos e até à próxima se Deus permitir.

Fernando Dias

## MIRANDA

— O cronista desta Casa de Miranda, o João Martelo, encontra-se actualmente na Casa de Paço de Sousa, onde se está aperfeiçoando como alfaiate, para poder ser mestre na nossa alfaiataria, o que aliás já era, embora sem prática e com falta de perfeição.

Por este motivo e visto já me encontrar em férias, fui encarregado de fazer este artigo para «O Gaiato».

— Num destes últimos domingos, recebemos a visita das crianças da catequese da Sé Nova de Coimbra e suas famílias. Vieram em três autocarros e alguns automóveis, sendo a caravana presidida pelo nosso grande amigo, o Sr. Padre Francisco que durante a sua vida de seminarista, nos meses de férias, nos deu muitos dias de alegria e boa disposição.

Depois de terem visitado a casa, fez-se um desafio de futebol entre as crianças da catequese e os nossos pequenitos, que venceram por cinco bolas a uma. No decorrer do jogo nada houve que merecesse destaque (o que não era de esperar perante equipas de tal categoria) a não ser o pontapé de saída no início do jogo, dado pelo nosso mascote de ano e meio, o Victor que foi muito aplaudido.

No final do encontro, foi uma alegria na piscina. Foi pena esta ter pouca água... Depois da merenda, lá partiram os nossos visitantes.

Foi uma visita bastante simpática, que gostaríamos que se repetisse abundantes vezes. Por tudo, aqui expressamos a nossa gratidão especialmente ao Sr. Padre Francisco (entre nós o Sr. Padre Xico...) que foi quem trouxe cá esta gente e pedimos-lhe que quando puder voltar não deixe de o fazer.

— Dentro de pouco tempo, comerão na Senhora da Piedade de Tábuas

de Miranda do Corvo as Colónias de Férias do Garoto da Baixa.

Os turnos prolongar-se-ão durante os meses de Julho, Agosto e Setembro.

A estadia dos pequenos na serra, desde a chegada até à partida, toda ela é cheia de espectáculos de beleza, encanto e simplicidade.

Ali, muitos vão dormir pela primeira vez numa cama; muitos vão comer pela primeira vez, o caldo quente e saboroso; muitos vão ali, conhecer Deus!...

Sardinha

## LAR DE LISBOA

Caros amigos leitores. Pela primeira vez estou em contacto com os nossos amáveis leitores do famoso jornal «O Gaiato». Eu sou um rapaz mais ou menos conhecido da venda do jornal na cidade do Porto e na cidade de Guimarães. Nesta última sou conhecido no Café Oriental, onde me davam a dormida de sábado para domingo e todas as refeições do dia seguinte. No mesmo largo, existe uma empresa de camionetas, à qual também estou muito grato porque me punha no Porto todos os quinze dias de grátis. Além de estar longe ainda lhes posso e devo agradecer o bem que me fizeram e do mesmo modo fizeram aos meus companheiros antes de mim e faço votos que continuem sempre assim.

No Porto sou conhecido pela área do centro principalmente nas bilheteiras da estação de S. Bento.

Amigos leitores. Espero que leiam a minha crónica e que antes de acabarem de a ler vejam o sentido fundamental dela. Venho por meio destes agradecimentos pedir mais alguma coisa, que desde já também agradeço. Caros: o que quero pedir é o seguinte:

## Notícias da Conferência da nossa Aldeia

Os senhores tenham paciência. Hoje vamos dar primazia aos Pobres. Por exemplo, ao Sr. Júlio das Aguiéiras. Se Júlio é já velhinho, Mas, disposto, é um companheirão. Viajado, (ele andou por terras de Santa Cruz) conhece mundo, coisas boas e más. Não sabemos como, caiu na maior miséria. Se ele chegou a alimentar-se de ervas do monte! Porém, nós aparecemos na hora própria. Quando Deus quis. E é nosso há uma data de anos.

Ora a velhice sendo, como dizem, uma segunda infância, estamos quase em dizer que sim, também. É o caso de Sejúlio ter vivido num toco barraco frente ao lugar que lhe deu o apelido, havermos tentado variadíssimas vezes mudá-lo para casa decente, do Património, em lugarejo um tudo nada distante e até chorava com a proposta. Não quis, nem quer mudar! Eu nasci por aqui... Vergados ao peso das lágrimas de Sejúlio, conformámo-nos. Um conformismo inconformado! De maneira que nos vimos forçados a pagar o aluguer do barraco. Se ele nem para comer tinha, se não ervas!

Um dia, porém, — talvez saudosos das aventuras de rapaz — resolve «emigrar» agora para casa de um filho, lá da Foz do Sousa, na mira de melhor vida e proventos. O filho acenou com abono e não sei que mais. Achamos razoável. Viver na companhia de um filho é coisa ótima, para quem está só e miserável. Mas o certo é que o pobre do velho julgara que o abono fosse todo, ou parte, pró seu bolso. Saiu-lhe o bilhete branco e resolve tornar ao lugar primitivo, não sem andar perdido por camionetas e comboios. Chegou vergado, desolado, humilhado — vencido. É a velhice!, comentou.

Acto contínuo à desocupação do barraco, a senhoria do dito alugou-o. E, agora, casa pra Sejúlio? Como a solidariedade entre Pobres não é letra morta, um vizinho franqueia a porta! Arranja um cubículo. Dá o caldo. Lava a roupa. Um bem inestimável. Fizemos, até, ver aos bons «samaritanos» as consequências de uma tamanha hercoidade. Os feitos. A velhice. O caldo. A borra. Etc., etc.. Não davam

te: O autor desta crónica é o Lampreia; pois eu quero ir trabalhar cá em Lisboa e não tenho calçado. Peço o favor de o calçado que não serve aos vossos filhos de todos os tamanhos, mandem-no para o Lar do Gaiato de Lisboa, Rua dos Navegantes, 34 r/c, pois ele está a ficar muito pobre em tudo. Como disse, já em cima, desde já agradeço. Cá espero por alguma coisa; por ser a primeira vez que escrevo para o nosso jornal, queria ser bem sucedido. Os leitores do Porto podem mandá-los para Paço de Sousa, se não telefonem para o 669451 de Lisboa, que nós encarregamo-nos de os ir buscar.

Amigos cá espero.

Agostinho Coelho «Lampreia»

## TOJAL

— Vibra, paira no ar a voz dos nossos batatas, gémeos da luz do sol, alma de luz, sonora, que sobe e irradia!

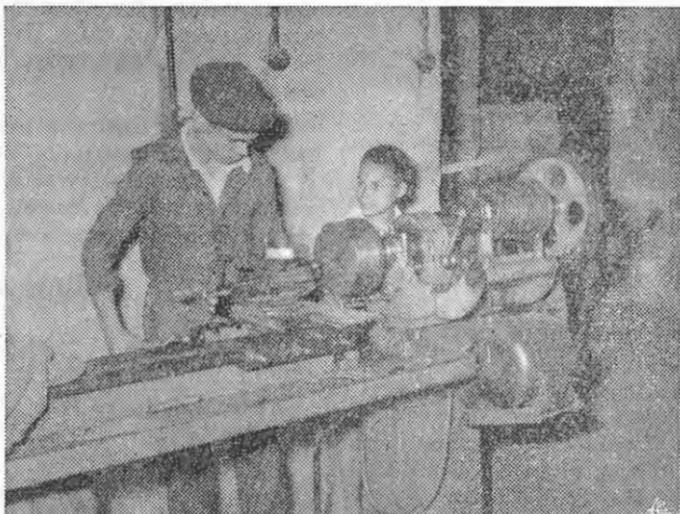
Tojal é um vergel que brilha e que perfuma. Passa o vento cantando. E, cantando, ressuma um enlevo de paz na graça do dia. Nem um pomar sem flor! Nem uma árvore sem ninhos! O milho reveste os campos de esplendor e alegrará quem trabalha e quem venera.

Alegram-nos as andorinhas aos pares, cruzando-se com seus chios em torno dos beirais da casa em que vivemos. Afirmosmo-nos com seus numerosos e patuscos filhos.

Sorrisos e sorri-nos graciosa a nossa casa, satisfeita por se encontrar quase como foi erguida.

Tudo um encanto; tudo uma canção; tudo uma séria meditação.

— Cont. na 4.ª página



Paço de Sousa — Serralheiros a tornear.

# Da que nós necessitamos

Não sei que irradiação espiritual vai nos dizeres deste Jornal ou há no coração de quem o lê que, desde a primeira hora até hoje, é impressionante a generosidade de quem dá e as palavras com que o faz. Não é um dom banal, muito menos incomodado. É espontâneo, fervoroso. Sabe a sobrenatural e explica o Amor a Deus. Conosco é assim. Cada um vem quando, como e com quanto quer. São os costumados 20\$ duma doente para doentes, mais esta acção de graças: «Bendito seja Deus pela felicidade que me dá». Para os pobres do Barredo 50\$ duma assinante que não assina. E quinhentos a pedir uma oração pelos Pais de Júlia e Eduardo. Orar é iluminar a nossa vida com a Luz da Outra.

Dum português de Leopoldville cem. Outro tanto para um canceroso. Mais alguém de Ilhavo que não diz quem é nem quanto dá. Deus sabe! Da Fábrica Aleluia a anulação de duas facturas de azulejos a valer 695\$30. Se em Portugal todas as fábricas apitassem no mesmo tom, não andaríamos tão desafiados.

Cá está o pessoal da Fábrica «A Portuense» com o produto dos mealheiros referentes ao 1.º semestre de 1958 a saber:

Oficina Soares Ribeiro	885\$50
Afonso Cunha	816\$50
Castro Azevedo	518\$50
Magalhães Cruz	500\$00
Pique	85\$00
<b>Soma</b>	<b>2.805\$50</b>

Fizeram a delícia deste semestre com uma visita à nossa casa e passaram a tarde na mata e a jogar a malha.

Deus põe no coração do homem amor a quem O ama. Cristo ensina a amar igualmente a quem nos despresa, para sermos verdadeiros filhos do Pai que está nos Céus. Na Religião não há reticências nem interesses próprios, mas tão somente Verdade e Justiça.

Quem pode compreender compreenda.

E 100\$ por uma graça. 369\$ do 1.º aumento de vencimento dum Pai a quem o Senhor tem provado com desgostos.

Agora esta esmola de 20\$ fica a perder de vista esta oração: «Perdoai o meu atrevimento em vos pedir se ergueis uma pequenina oração ao Céu, pois que eu luto para defender a dignidade de rapariga, filha de Deus. Sou pobre e estou longe de meus queridos Pais, da minha querida Mãe, dissei à Mãe dos Céus que me esconda debaixo do seu manto de pureza para que eu possa vencer». Que a Maria de Lisboa que assim prepara santamente o seu Lar, seja tão querida de seu marido como o é agora de Deus.

Uma mensalidade de 100\$ do Porto. Idem 50\$ para a viúva de 8 filhos. Mais outra carta de estremerer:

«Junto envio a minha mensalidade de 20\$ e mais vinte por continuar a ter mais trabalho. Peço me desculpe porque se mais trabalhasse mais mandava».

Sangue de heróis, acrescentou Sr. Padre Carlos. Na caridade a lei é: para os pobres quanto mais, mais; para os ricos quanto mais, menos. Ninguém foge. De Viseu 50\$ por uma graça. Mais 20\$ para a Senhora Ana de Jesus. Vinte para uma assinatura, mais cem, mais 50\$ de promessa e mais outro tanto para o pai aflito com 6 filhos tudo de uma Maria. Mais vinte em acção de graças pelo aumento de ordenado. Mais não sei quanto Meu e Dela. Uma professora a pedir uma oração e a mandar 20\$ para a que tem 8 filhos.

A mensalidade para a família da Casa «ouvi-me Senhor». Voltam os dois amargurados com cinquenta. Mas que doença esta. Muitas sementes da Casa TER-RA da R. do Mouzinho, para a nossa horta. No Espelho da Moda 50\$ por uma graça; 20\$ duma admiradora; 50\$ a pedir que Deus nos livre do perigo da rua. É mesmo assim que lá vem. A Avó de Moscavide que deixa os que tem à sua roda e vem com 50\$ a pedir pela neta que fez anos. Do pessoal da Mobil Oil, 53\$. São mensais como estes 20\$ de Ermesinde e mais 100\$ de Gaia. Outro tanto por alma de António Nelo. Trezentos de Lisboa; mais através do «Comércio», e duzentos do Porto.

José Maria

## A minha Saudade

Aqueles momentos de há dois anos cavaram no meu coração uma grande saudade.

Eu acho que ninguém leva a mal expandi-la. É tão humana!

A saudade nasceu conosco. Pois se até os Apóstolos tiveram saudades do Mestre...

Mas a saudade cristã, a nossa saudade, é bem diferente daquela que o mundo oferece — alimenta-se da Certeza que a morte é princípio de Vida.

Aqui vai a minha saudade. Uma lembrança de filho.

O tempo em nada obscurece todo um mundo de recordações e a sobreposição dos anos é adubo que fertiliza desde que as almas estejam preparadas e queiram florescer.

Aberto o álbum não é possível folheá-lo. Uma página é um mundo. Fiquemos por aqui. Se não, a pena desliza e é difícil ter mão nela.

Júlio Mendes

Visado pela  
COMISSÃO DE CENSURA

## Ecos do Gerês

Cá estamos outra vez a dar mais uma ensinadela aos nossos maus fígados, a ver se tomam emenda.

Cá encontramos os melhores amigos e os saudamos. «Lá vem o Gaiato. É levado do diabo. Não pára».

Lembramos nesta altura os belos momentos que aqui passamos na companhia do Pai Américo. Não o podemos esquecer. É uma recordação que perdurará pela vida fora.

Como me lembro quando ele ditava e nós escreviamos para o papel os artigos que fazia inserir no nosso «Famoso», que era a voz do seu coração e continua a julgar da mesma forma, pois o Sangue é o mesmo e o ânimo que norteia os seus sucessores igualmente da mesma forma.

Eu achava muita piada quando dizia: «Ui que letra, que letra tão feia que tu tens. Tão feia como tu. Se o jornal não sair, o culpado és tu!»

Doutra vez, juntamente com o Amadeu Mendes e seu irmão, o Júlio, fomos à Senhora da Penada, ali nos Arcos de Valdevez. Fomos por uma estrada florestal e a dada altura, o caminho começou a ficar muito estreito. Nesta altura o caminho inunda-se, pois os lavradores começaram a rega e não tinham outro sítio por onde fazer passar a água. Pai Américo tira as sandálias, levanta a batina e toca de andar. Parecia mesmo uma promessa. Nós, saltitando aqui e ali, lá nos íamos safando como podíamos.

Depois apareceu um homenzinho com um carro de bois:

—O Tiozinho, leve este Senhor, que está cansado. E lá seguiu o Pai Américo, descalço, com as sandálias todas molhadas, aguilhão na mão e a dizer em tom irónico: «Anda boi. Anda senão logo não comes!»

Lá chegamos, enfim, ao Santuário, que visitamos.

Ali mesmo pegado, estava um cemitério muito pohrezinho. Não se viam flores. Apenas uma Cruz e o resto tudo campos rasas, feitas de terra arenosa e ele diz:

—Que pobrezinhos. Quanto eu gostava de ficar num cemitério destes! Que feliz eu era!

Passou um ano e Pai Américo partia para a eternidade e seu corpo repousava, descalço, apenas com a batina que foi testemunha de tantas aflições de Pai, numa campa rasa do Cemitério de Paço de Sousa!

O Gerês está cada vez mais atraente. Grandes obras nos viveiros. Arranjo do parque do Ramalho e mais melhoramentos que dividimos aqui e ali, dando a isto tudo um aspecto mais agradável, um tom mais alegre, onde os hóspedes se sentem melhor. A represa da barragem da Cançada está cheia, dando um aspecto mais grandioso e graça às pontes sobre o Rio Ca'do que pareceu descansar à superfície das suas águas, onde a calma é completa.

Pena é que o tempo não tenha proporcionado um pouco mais de calor, para podermos gozar mais de perto toda esta grandeza que nos confunde. Por todos os lados o fundo verde da Serra, dão uma tonalidade bela que faz apresentar diante dos olhos uma beleza multicolor que nos extasia.

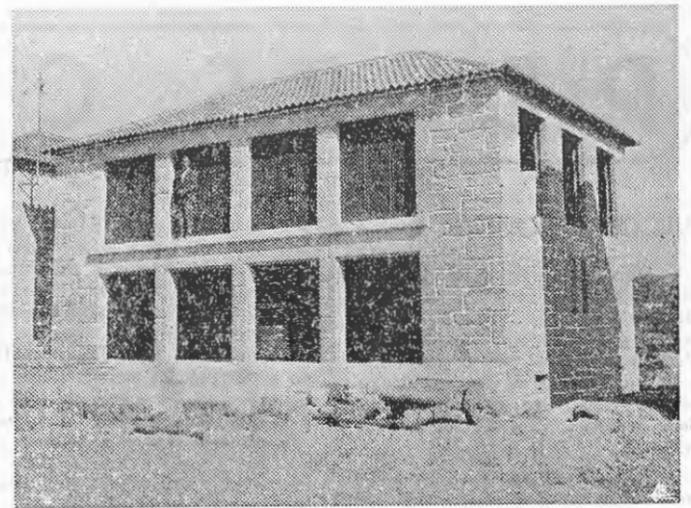
Por agora mais nada. Desejamos que os estimados leitores continuem a viver com gosto e alegria!

Daniel Borges da Silva

## Chales de Ordins

senda as almas transviadas. Hóstia Viva, conforme com a imagem de Deus Redentor, eis o doente cristão.

Lisboa, ao requisitar dois chales, diz: «procuo pelas minhas orações que apareçam muitas encomendas». É uma ótima ajuda, ao dispor de todos. Um exército de almas orantes trabalha, sem alardes, na extensão do Reino de Deus. «Vai mais alguma coisa, para alguma teedeira em maior necessidade». Ora, como a necessidade de maior urgência



Beire — A casa da eira.

## Pelas Casas do Gaiato

(Cont. da página 3)

Cada dia que passa, cada saudade perdida!...

Com estes e muitos mais predicados mesmo assim, a nossa casa é tão desprezada! Quase nenhuma gente a vivê-la e fazer viver quem dentro dela vive.

As excursões chegam, quinze minutos, meia hora e ei-los estrada em fora. Bem, tudo se remediava... mas são tão escassos.

Fora de casa nada há para recreação e distração dos rapazes...

Até os maiores, de bigodes, se sentem desolados e melancólicos. E são os que mais precisam...

É pena que assim seja.

Não deixem de vivê-la e fazer viver a rapaziada. Cá vos esperamos.

—O nosso time de futebol está pronto. Agora, venham provar. Trei-

nador novo, nova tática de jogo e tudo a funcionar como deve.

Convidamos já vários grupos filiados, mas recusaram-se apresentando as suas desculpas habituais. Sim, não podem porque têm medo e nada mais.

—Fizemos cá um concurso que deu que falar e trabalhar. Foi pela primeira vez, mas logo à entrada bem aplaudido. É o muito falado e conhecido—jogos florais.

Para ele exibiram-se os melhores escritores, poetas e prosadores.

Não sei porquê, mas os rapazes punham-se sempre a apoiar os poetas levando-os a vencedores, por vezes sem justo merecimento. Por isso, o vencedor foi o poeta Américo dos Santos na obra—O Lírio. Como prémio recebeu um fato à escolha num armazem de Lisboa.

Zé do Porto

### Facetas de uma Vida

## As experiências de dois famosos viandantes

Vem da página UM

um primor de asseio e bom gosto. Um grupo de raparigas cantava, e aprendia doutrina numa compostura que edificava a gente.

### Tribuna de Coimbra

—Cont. da primeira página—

mília pobre. Tudo caseiro. São obreiros alguns dos alunos mais velhos do nosso Seminário.

É por tudo isto que na véspera da despedida muitos vêm tristes a pedir para continuarem no turno seguinte e nós temos que dizer que não, porque outros estão à espera.

Padre Horácio

Continuação da página dois

E aí vamos nós, serra acima, em cata do César Roque. Mastigamos uma bucha à beira dum rego de água, despedimos o simpático guia, e agora do escantilhão, encosta abaixo, procurávamos, impacientes, a povoação das Means.

Esta era a minha primeira experiência de quilómetros serranos!

Uma mulherzita, a quem pedi uma caneca para beber água numa fonte, disse-me que não tinha caneca, nem copo, nem garrafa, nem nada; e deu-me um prato para beber! Inveiei a sorte da mulher e registei a experiência: beber água por um prato. Nesta altura surge-nos um carro de bois. Quem era? Um irmão do César, o José, que vinha duma fazenda com um carro de batatas. Oh! se elas estivessem cozidas!...

E quando estreitávamos, nos nossos, os braços do César e de Joaquinzito, verifiquei que as três horas do homem do Zézere tinham dobrado a parada!

Frei Junípero

5)—António Lopes de Melo, actual pároco de Pousaflores.

6)—O César Pereira Roque, falecido, pouco depois, jovem pároco de Mourinho.

7)—Actual Aldeia de S. Francisco, no concelho da Covilhã.

Padre Aires

— CONTINUA